



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



O JORNAL COMUNITÁRIO COMO INSTRUMENTO VIÁVEL DE RECONHECIMENTO SOCIAL

Área temática: Comunicação

Nome dos autores: Daniela Arcanjo Rodrigues¹; Angelo Sottovia Aranha²

Nome da instituição: Universidade Estadual Paulista (Unesp)

¹Universidade Estadual Paulista (Unesp); Comunicação Social: Jornalismo; Proex

²Universidade Estadual Paulista (Unesp); Comunicação Social: Jornalismo; Proex

Resumo: Os meios de comunicação tradicionais, por sua característica empresarial e pelo alto custo dos espaços para notícias, sejam os suportes impressos ou virtuais, tendem a priorizar informações mais próximas do público alvo que representam – geralmente empresários e profissionais autônomos – ou a classe média que consome os produtos e serviços neles publicitados. Com isso, comunidades periféricas nem sempre são contempladas e problemas ou iniciativas que lhes dizem respeito ficam fora dos noticiários. Em consequência, esses moradores acabam sendo preteridos pelas diversas instâncias do poder público, e seus bairros são os mais prejudicados em termos de infraestrutura e projetos sociais. O jornalismo comunitário tem, nesse contexto, a função social de tentar facilitar a vida dessas comunidades que ficam fora das pautas dos grandes conglomerados da mídia comercial. Neste artigo, apresenta-se um projeto de extensão universitária criado há oito anos com a intenção de promover o reconhecimento social de uma comunidade localizada em território afastado e sujeito à vulnerabilidade social e econômica. Aplica-se, no desenvolvimento do projeto, todas as técnicas de reportagem e entrevista, de edição e diagramação conforme o projeto político-pedagógico do curso de Jornalismo. São relacionadas, neste artigo, situações vividas pelos moradores e pelos estudantes-repórteres que comprovam a viabilidade dessa proposta por meio de ações afirmativas junto aos moradores e da edição de jornais comunitários impressos ou virtuais. Consta-se que o essencial é a consulta aos moradores e a fidelidade do noticiário na

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



cobertura dos assuntos sugeridos pela comunidade por representarem suas prioridades. O projeto Voz do Nicéia, uma iniciativa da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista (Unesp) conta com o apoio financeiro da Pró-reitoria de Extensão Universitária por caracterizar-se, realmente, como atividade que aproxima universidade e sociedade.

Palavras-chave: Direitos humanos, comunicação, jornalismo comunitário.

1. Introdução

Imaginado e criado em 2008, o Voz do Nicéia atua na promoção do reconhecimento social e amplifica a voz dos habitantes do bairro Jardim Nicéia, da cidade de Bauru. Trata-se de um jornal impresso, um grupo de pesquisa e um de eventos que compõem um projeto patrocinado pela Pró-reitoria de Extensão Universitária (Proex). É também atividade complementar de formação do curso de Comunicação Social: Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, oferecido no câmpus de Bauru da Unesp. O projeto é inteiramente desenvolvido pelos estudantes da faculdade sob a coordenação de uma aluna bolsista e de um professor coordenador.

O Jardim Nicéia localiza-se perto da Unesp em Bauru e foi formado majoritariamente por imigrantes da zona rural de cidades próximas. A comunidade surgiu em 1980, o que coincide com a época de grande parte da urbanização do Brasil e torna a situação legal do bairro parecida com a de diversas outras áreas com população de baixa renda.

O bairro é pequeno, em comparação com outros em situação semelhante. São seis ruas paralelas, que estão em expansão. Essa característica o torna ainda mais vulnerável ao desprezo dos órgãos públicos, por não ser um campo eleitoral com tanto peso. Apesar disso, recebeu diversas melhorias no primeiro mandato do atual prefeito, reeleito em 2012. Todas as mudanças foram noticiadas e pedidas pelo jornal: a praça central (resultado de uma parceria entre a prefeitura, o Rotary Clube e o curso de Arquitetura e Urbanismo da Unesp de Bauru), a pavimentação de parte das ruas, a ampliação da iluminação do bairro, entre outros benefícios que melhoraram a imagem do bairro, antes visto como favela.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Ao mudarem para o Jardim Nicéia, os primeiros moradores pagaram pelo lote que ocuparam, segundo uma entrevista com a arquiteta da Secretaria do Planejamento de Bauru Natasha Lamônica. Apesar disso, o bairro não é legalizado ainda. A arquiteta afirma que isso acontece devido à venda ilegal dos lotes aos moradores pela senhora que se diz dona do terreno, uma herdeira do fundador de Bauru. Após a ocupação, outra tradicional família de Bauru entrou com um pedido judicial de reintegração de posse e disputa a área hoje ocupada pela comunidade.

É essa disputa que torna a legalização do bairro mais complexa. A premissa para aplicar o usucapião é a de que a ocupação tenha sido “mansa e pacífica”. O Judiciário pode invalidar o direito ao usucapião por conta da reintegração de posse inicial. A legalização dessa área é muito aguardada porque será um caso a ser usado como jurisprudência em outros bairros. Toda essa problemática foi abordada e trazida à tona ao bairro por meio do jornal. A linguagem jurídica e a lentidão do processo afastam os moradores de um dos assunto que mais os atingem – a chegada das escrituras é uma das maiores reivindicações dos moradores. Dessa forma, o jornal torna-se um importante mediador entre a comunidade e os órgãos públicos e jurídicos.

Outra grande ameaça ao bairro é a especulação imobiliária que pressiona os moradores a saírem de lá. O Jardim Nicéia é cercado de condomínios de luxo formados por habitantes da classe média-alta da sociedade bauruense. Ele se localiza na Zona Sul de Bauru, região que se tornou um grande chamariz para essa classe em todas as cidades devido ao trabalho de *marketing* aliado à fragmentação do espaço urbano contemporâneo.

Os moradores estabelecem uma relação muito complexa com os habitantes dos condomínios vizinhos. Muitos dos serviços braçais como os de jardinagem, limpeza de casa e serviços gerais, são prestados pelos moradores do Jardim Nicéia, de forma que percebe-se um reconhecimento da comunidade por parte dos vizinhos privilegiados pelo conforto. Muitas vezes as causas do bairro são respeitadas por eles: ao fazerem um abaixo-assinado pela mudança de trajeto de uma linha de ônibus, por exemplo, os moradores dos condomínios assinaram em apoio. Por outro lado, é muito comum que, na ocorrência de algum furto em um desses condomínios e até em um mercado próximo, ocorram represálias e rondas da polícia militar no Jardim Nicéia, levantando suspeitas a respeito da

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



idoneidade das famílias ali residentes.

Apesar disso, independentemente das vontades individuais dos que fazem parte dessa área da cidade, há uma forte pressão imobiliária que ameaça a expulsão desses moradores de baixa renda. Um documentário feito por estudantes de Jornalismo da Unesp revela a opinião de um corretor de imóveis da cidade de Bauru: após expressar seu desejo de “desfavelar” a área, Hamilton José Vasques, então corretor da administradora dos condomínios, garante que já havia prédios destinados aos moradores em outras áreas da cidade, o que nunca foi comprovado.

Observa-se que há um permanente processo de expulsão dessa população do espaço público e, conseqüentemente, desrespeito às preferências sociais e decisões sobre a vida urbana. David Harvey, em seu artigo “O Direito à Cidade”, afirma que

Se descobrirmos que nossas vidas se tornaram muito estressantes, alienantes, simplesmente desconfortáveis ou desmotivantes, então temos o direito de mudar de rumo e de buscar refazer nossas vidas segundo uma outra imagem e através da construção de um tipo de cidade qualitativamente diferente. A questão do tipo de cidade que desejamos é inseparável da questão do tipo de pessoas que desejamos nos tornar. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades dessa maneira é, sustento, um dos mais preciosos de todos os direitos humanos. (HARVEY, 2008, p. 11)

O direito de construir a eles mesmos, e a cidade, é negado tanto quanto lhes negam a participação na imprensa e em outros meios de comunicação. Os moradores não tem vez nesse espaço de discussão e formação de consensos que também regem os rumos do poder público e dos representantes eleitos.

Na cidade de Bauru, por exemplo, há apenas uma publicação dos grandes conglomerados de mídia que pauta problemas das comunidades marginalizadas. É o mais tradicional jornal impresso da cidade, que tem uma seção semanal chamada “JC nos Bairros”. Pode-se observar que esse jornal é pautado de acordo com os critérios de noticiabilidade do jornalismo tradicional, mas também com base nos interesses lucrativos da própria empresa jornalística.

Como Cicília Peruzzo conclui em seu artigo “Mídia Local e suas interfaces com a Mídia Comunitária”, esses dois tipos de jornalismo se desenvolvem paralelamente, apesar de muitas vezes gerar confusões quanto aos seus objetivos e funções sociais, muito por conta da apropriação do termo “comunitário”. Não só a delimitação física e a

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



adop

UFMG



Apoio:



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

linguagem caracterizam uma mídia comunitária, mas também as suas etapas de produção, os assuntos abordados e o impacto na comunidade atendida. O critério de pauta, enfim. No jornalismo comunitário é muito valorizada a participação dos habitantes da comunidade no processo de sugestão de assuntos que possam vir a ser pautas específicas deles. As finalidades não são lucrativas, e sim voltadas apenas para o sustento da publicação.

O projeto conta com quatro frentes: impresso, meio online, eventos e Grupo de Pesquisa. Todas elas são coordenadas pela aluna-bolsista, pautadas pelos moradores do bairro e voltadas para a constante melhoria do carro-chefe do projeto: o jornal impresso. Todas as decisões são tomadas sob o aval do professor-coordenador e com ampla participação dos 36 estudantes-membros que integram o jornal.

O jornal é impresso bimestralmente com uma tiragem de 1000 exemplares, em preto e branco. O formato da publicação é tablóide, em 8 páginas. É composto pela matéria principal, que trata de um assunto que atinge toda a comunidade (como a falta de asfalto, por exemplo: apesar de parte do bairro já estar asfaltada, a poeira causada pela terra prejudica todos os moradores); a matéria secundária, que traz uma denúncia de algo que esteja acontecendo no bairro (como um vazamento de água em uma rua); o “Fala, morador” – essa seção traz a opinião dos moradores do bairro a respeito de um assunto em voga –; o “Tira-dúvidas”, uma entrevista em formato pingue-pongue sobre algum assunto que seja de interesse do bairro, como a PEC das domésticas; o Perfil, com uma história de vida de algum morador do bairro; e uma cobertura de um evento.

O meio *online*, que envolve o blogue (vozdoniceia.wordpress.com/), um canal do *Youtube*, contas no *Instagram* e *Twitter* e uma página na rede social *Facebook*, vem se tornando cada vez mais importante devido ao aumento do uso de internet pelos moradores e a popularização do uso do *Wi-fi*. Nesses suportes – tanto o papel quanto o celular ou computador – os moradores podem exercer seu direito de serem representados em um espaço público de discussão e reivindicação que não tenha um caráter colonizador, como o da mídia tradicional e comercial; e os alunos-repórteres podem exercer o jornalismo comunitário e retornar, parcialmente, à comunidade o dinheiro investido na universidade por meio de impostos.

O grupo de pesquisas foi criado em 2015 e é colaborativo: todos os integrantes

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



devem enviar textos, participar das discussões e montagem do cronograma para o semestre e montar apresentações para as reuniões, que são quinzenais e abertas à comunidade acadêmica. O grupo é uma importante ponte entre o mundo teórico e o prático. Os alunos podem estudar assuntos que tangenciem o jornalismo comunitário e problemáticas da comunidade Jardim Nicéia e aplicar o conhecimento apreendido no próprio projeto.

A frente de eventos surgiu em 2013 e também é um grupo de trabalho mais recente. Os eventos representam uma ferramenta de aproximação entre estudantes-repórteres e moradores, para que os alunos possam entender o que se passa no bairro e promover constantes melhorias no jornal, ou seja: fazer a mediação entre o bairro e o poder público de forma coerente e sem interferências dos estudantes que sejam resultado de opiniões próprias e valores morais pessoais.

2. Desenvolvimento

O processo de produção do projeto Voz do Nicéia começa com a visita dos estudantes-repórteres nas casas de toda a comunidade. Os alunos questionam quais foram as mudanças no bairro nos dias em que os repórteres não estavam fazendo cobertura, o que e quem os moradores gostariam de ver no jornal e o que falta melhorar no Jardim Nicéia.

Nesse momento os membros do projeto devem aperfeiçoar sua percepção e sua observação, uma característica muito útil ao exercício profissional do jornalista. O acompanhamento diário dos moradores e as recentes melhorias no bairro têm como resultado para alguns deles a indiferença em relação ao que os atrapalha em seu cotidiano e atividades básicas, como atravessar a rua ou pegar um ônibus.

Estar presente no bairro é muito valorizado no projeto justamente porque quem falará pelos moradores são pessoas que não têm vivência dentro do bairro. Por mais que haja o interesse em compreender as dificuldades da comunidade, só as sentem, realmente, os que vivem o dia-a-dia compartilhando a mesma infraestrutura. Para que vícios dos valores particulares e opiniões pessoais dos repórteres interfiram o menos possível, o projeto valoriza as idas constantes ao bairro para fazer coberturas mais isentas possíveis.

Após essa primeira averiguação sobre o que aconteceu no bairro e quais são as

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



demandas dos moradores, os repórteres, juntamente com a aluna coordenadora, se reúnem para uma reunião de pauta. Nesse encontro de trabalho, os critérios de noticiabilidade do jornalismo comunitário são aplicados. O esforço nesse momento da produção é de que o jornal não seja cooptado por interesses particulares ou partidários. Problemas de indivíduos do bairro e que não atinjam a comunidade, por exemplo, não são pautados. O jornal tem como meta ser uma ferramenta de reconhecimento social e ampliação do exercício de direitos e deveres da cidadania.

Dessa forma, o Voz do Nicéia se atenta às principais características de um jornal comunitário elencadas por Cicilia Peruzzo: busca-se a autonomia da equipe que atende em relação ao governo e outros grupos de interesse, além de divulgar assuntos de interesse específico da comunidade que não são usualmente tratados na mídia tradicional, e de não haver interesses lucrativos ou empresariais.

Uma outra característica citada por Peruzzo é a ligação dos jornais ou rádios comunitárias com um local, uma vez que terão características e problemas ligados ao território. Apesar de hoje ser possível a abrangência até de meios de comunicação que não contam com muitos recursos financeiros, a maioria das mídias comunitárias está ligada a territórios bem delimitados. Essa delimitação impõe condições de vida semelhantes a todos. A falta de linhas de ônibus, por exemplo, afeta desde estudantes até trabalhadores e mães que precisam socorrer seus filhos.

Após a definição das pautas, os membros dividem-se em grupos que apurarão os fatos a serem noticiados. A grande quantidade de voluntários permite que fiquem mais de dois alunos responsáveis por cada matéria, o que acaba contribuindo para a formação do estudante: ele pode organizar as tarefas entre todos os integrantes e aprende a trabalhar em equipe, o que se tornou importante no contexto social individualista do século XXI. A quantidade de membros também influencia na qualidade da apuração, que pode ser feita em menos tempo. Com isso, as chances da pauta cair diminuem e os diversos órgãos públicos e moradores podem ser consultados ou entrevistados. No projeto usa-se as técnicas de entrevista do jornalismo convencional.

As entrevistas são feitas com fontes oficiais, um diferencial do projeto: alunos ainda em fase de aprendizagem já enfrentam situações em que entrevistam autoridades que

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

muitas vezes não têm interesse em dar entrevista, pois estão sendo cobradas, e que estão acostumadas a dar respostas prontas e “genéricas” aos jornalistas.

A edição dos textos é feita pela aluna coordenadora, que também diagrama o jornal. Todo o jornal é revisado pelo professor-coordenador, que além de auxiliar em questões técnicas, também está presente para tirar dúvidas sobre as diversas políticas que acontecem no bairro e questões éticas. As correções são feitas visando o público-alvo do projeto, que são os moradores, secretários municipais e os representantes da comunidade na Câmara dos Vereadores.

A edição, então, é entregue na Câmara Municipal e em todo o bairro por todos os estudantes que participam do jornal. Portanto, os alunos têm um *feedback* rápido do que produziram. Além de perceberem o retorno da comunidade, essa etapa – nem sempre suficientemente valorizada – é muito importante pelo senso de responsabilidade que cria nos futuros jornalistas. Afinal, o público alvo existe realmente e é crítico, o que não permite distorções nas matérias. Todas as fontes têm as suas entrevistas gravadas, para que se comprovem declarações. No caso de algum morador discordar do que está escrito, quem produziu a matéria saberá no momento da entrega.

As mídias *online* do jornal, apesar de menos acessadas, são totalmente adequadas à linguagem destinada ao público-alvo. Elas são uma ferramenta de divulgação externa à comunidade e de pesquisa de outros estudantes e professores que estudam a mídia comunitária. Esses meios virtuais têm crescido muito e hoje já são usados para a divulgação de eventos, principalmente. O blogue tem todo o arquivo do jornal formatado para o meio *online*, inclusive as edições passadas e matérias exclusivas.

Os eventos que são realizados no bairro também partem da conversa com os moradores. Eles são decididos na primeira reunião do semestre após o levantamento de pautas – no qual inclui-se a pergunta: “que evento o(a) senhor(a) gostaria que tivesse no bairro e que nunca viu?” A partir desse questionamento, o grupo pensa em eventos que vão contemplar os gostos dos moradores e proporcionar-lhes vivências diferentes.

Essa frente de trabalho é uma forma de retribuir à comunidade todo o aprendizado decorrente da convivência dos alunos com os moradores. Além disso, nesses eventos alunos e repórteres têm um contato para além da entrevista. É criado um vínculo e após

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



esses eventos os alunos são reconhecidos e respeitados no bairro.

Não há verba para os alunos aplicarem nos eventos, elas são destinadas apenas às impressões do jornal. Apesar disso, o projeto realiza campanhas de doação no câmpus – o que ajuda a divulgar o Voz do Nicéia –, busca doações com parceiros na cidade de Bauru e os alunos capacitam-se, quando não é possível trazer um profissional voluntário, para ensinar algo que desejem os moradores. Um dos eventos mais lembrados pelas crianças do bairro é a Oficina de Sucata, que ensinou-as a fazer brinquedos com materiais reutilizáveis. Os materiais foram conseguidos com doação e os próprios estudantes se organizaram para aprender como fazer os brinquedos e a melhor forma de ensinar.

Outro evento organizado pelo Voz do Nicéia foi o “Dia da Beleza”. Nele houve corte de cabelo gratuito, uma oficina de maquiagem e um “turbantaço”: mulheres e homens que quiseram colocar um turbante tiveram dicas de amarrações e puderam conversar com as líderes da oficina sobre o significado do turbante. O bairro tem uma predominância de negros e a contribuição do projeto foi no sentido de promover o resgate dessa identidade que acaba sendo apagada pela branquitude da sociedade. Uma das funções do jornal comunitário é dar voz aos movimentos sociais e minorias, e, no caso do projeto em questão, isso foi feito em uma atividade paralela, não no jornal impresso.

O grupo de pesquisa, criado em 2015, conta com a participação de todos os integrantes. Há a possibilidade de uma vivência integral do jornalismo comunitário, pois a técnica, a teoria e a prática são contemplados. No grupo estuda-se não apenas a conceituação do jornalismo comunitário como também outros assuntos que digam respeito ao bairro. No segundo semestre de 2015, o grupo escolheu estudar o livro “A ralé brasileira”, do sociólogo Jessé Souza e outros colaboradores, que traz um novo panorama sobre as minorias no Brasil e quais as formas de opressão do Estado e da sociedade. Os membros, divididos em grupos, ficaram responsáveis pela condução das reuniões do grupo de pesquisa, que acontecem mediante a leitura de textos científicos. Esses textos são debatidos quinzenalmente, nessas reuniões de trabalho.

O grupo foi criado com a intenção de aumentar a produção científica do projeto e torná-lo mais completo, e isso tem acontecido. O exercício do integrante de um jornal comunitário não deve se desprender da teoria. É importante estar atento a todas as

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

tentativas de cooptação da real motivação do jornal por interesses pessoais, partidários, políticos, ou de pequenos grupos de pessoas que não representem a comunidade. Muitos jornais acabam sendo doutrinários por descuido dos que o fazem.

3. Considerações Finais

Após oito anos atuando pelo reconhecimento social e amplificação da voz do moradores do Jardim Nicéia, o projeto ajudou a promover muitas melhorias dentro do bairro. Hoje ele tem uma praça central na área destinada a isso pelos primeiros moradores, opções de brincadeiras para as crianças e espaços públicos de melhor qualidade. Parte do bairro já tem asfalto e a iluminação está no bairro inteiro (apesar de, em algumas ruas, ainda ser precária). Além disso, demandas pontuais e urgentes também são atendidas pela atuação do jornal. Na segunda edição de 2015, um buraco que representava perigo na rua foi tampado após a ligação de uma estudante-repórter para cobrar o órgão responsável. O papel de fiscal dos representantes do bairro, portanto, foi cumprido.

O Voz do Nicéia está ligado à faculdade e é um projeto de extensão, porém tem um peso diferenciado para a cidade em relação a outras iniciativas da universidade. Ele cria um senso de responsabilidade nos alunos que decidem participar do projeto. Em uma reunião da Câmara dos Vereadores, por exemplo, o jornal foi usado para comprovar o ponto de vista de um vereador em uma discussão. Além de cumprir o seu papel de levar as demandas dos moradores ao Legislativo, esse episódio mostra que a seriedade é necessária na apuração das informações do jornal.

O projeto procura atuar pela autonomia dos cidadãos da comunidade. A intenção é dar a eles suporte suficiente para que possam reivindicar e ter ampla noção de seus direitos e deveres como cidadãos. Peruzzo afirma que, na mídia tradicional, as reivindicações dos moradores ficam à mercê dos interesses comerciais, sendo desprezadas quando já não forem mais favoráveis à empresa.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

É inegável o potencial da mídia, tanto para mobilizar os moradores num evento (...) quanto para pressionar o poder público. No entanto, a mídia é apenas um canal para se externar as reivindicações populares. Deve servir apenas de mediação, pois o desenvolvimento da cidadania requer uma mobilização e a articulação das próprias pessoas e de suas organizações representativas. Sem contar que esse tipo de atuação da parte da mídia tende a ser periódica e passageira, já que pode terminar sem justificativas, nem motivos aparentes. Quando isso ocorre pode ser pelo cansaço dos profissionais, por decisão política institucional ou por falta de interesse das editoriais. (PERUZZO, 2003, p. 20)

Apesar da mídia comunitária fugir dessa característica, é inegável que a valorização do espírito de coletividade seja importante para a comunidade, acima de qualquer outro interesse do jornal. Tanto no grupo de pesquisa quanto na apuração e redação das matérias, o protagonismo da comunidade é valorizado. Não há a apropriação das conquistas que são, na verdade, resultado do sentimento de coletividade e de reivindicações dos moradores.

Uma das lutas do bairro, que ainda não acabou, é pela legalização dos lotes, como já citada neste artigo. Em uma edição especial sobre como estava a situação da regularização do bairro, foi descoberta a real situação da comunidade perante o Judiciário. Desde 2010, o Jardim Nicéia faz parte do “Cidade Legal”, um programa do governo federal que busca atender bairros que estão justamente na situação do Nicéia, em que há uma comunidade formada e integrada, porém sem a legalização e, portanto, com a sensação de insegurança no futuro.

Esse programa permite que a prefeitura invista no bairro, mesmo que este se encontre em área particular. Antes do “Cidade Legal”, qualquer investimento público no bairro era considerado corrupção ou crime de responsabilidade do chefe do Executivo. Em diversas entrevistas anteriores, esse argumento havia sido utilizado para justificar a falta de infraestrutura no bairro. Agora, não só os repórteres estão mais embasados para as entrevistas, como os moradores têm conhecimento desse direito e se posicionam reivindicando melhorias.

O bairro já não é mais visto como favela nem por eles mesmos, e nem por grande parte da sociedade bauruense. É considerado um bairro em processo de legalização, o que representa mais do que uma mudança de denominação. Há uma identidade dos moradores com o bairro. Apesar disso, o bairro sofre muita discriminação, o que pode ser observado

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

nas abordagens policiais e pelo desprezo da opinião pública pelas suas pautas.

Recentemente, a Rua 6, a última ocupada pelo bairro, passou pelo mesmo processo que o Jardim Nicéia passou em relação à Bauru. Por ser a rua com mais problemas estruturais e com os moradores mais novos, eles eram discriminados no próprio bairro. Esse incômodo foi relatado ao projeto. A solução foi incluir uma pauta específica da Rua 6 em todas as edições. Como os eventos acontecem, normalmente, na praça, que fica distante dessa região, ainda há um sentimento de não pertencimento em quem reside na 6. Porém, isso vem diminuindo.

Há uma diferença muito sutil, em um jornal comunitário, entre ser demagogo na tratativa do bairro ou ser extremamente crítico, o que pode acabar aumentando o preconceito e prejudicando a autoestima dos moradores. No Voz do Nicéia, a alternativa a essa problemática foi mesclar matérias de denúncia com matérias mais leves, como as das seções “Fala, morador!” e Perfil.

O aumento do bairro e a pressão imobiliária tornam ainda mais necessário um instrumento afirmativo da identidade desses cidadãos, que se preocupe com os seus interesses de forma independente.

4. Referências

5.

BUENO, Wilson. **A imprensa comunitária do interior: uma tentativa de sistematização.** In: Cadernos de Jornalismo e Editoração Eletrônica da ECA/USP, número 10, 1979.

CALLADO, Ana Arruda; ESTRADA, Maria Ignez Duque. **Como se faz um jornal comunitário.** Petrópolis: Vozes, 1985.

CELADEC. **Jornalismo popular.** São Paulo: Paulinas, 1984.

DORNELLES, Bestriz. **Jornalismo "comunitário" em cidades do interior.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2004.

HARVEY, David. **O direito à cidade.** Urbânia. 3ª edição. São Paulo: Editora Pressa, 2008.

MARQUES DE MELO, José. **A imprensa comunitária no Brasil.** Comunicação e Libertação, Petrópolis, Vozes, 1981, p. 52-67.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

MATTIA, Olivar.; LAZZAROTTO, Valentim. **Comunicação popular: perfil, história e alternativas das falas de um povo.** Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

PERUZZO, Cicilia. **Mídia Local e suas interfaces com a mídia comunitária.** In: INTERCOM, n. XXVI., 2003, Belo Horizonte.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:

